

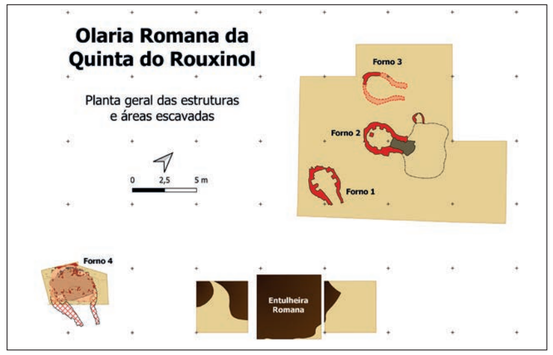


ECOMUSEU
MUNICIPAL
DO SEIXAL

OLARIA ROMANA
DA QUINTA DO
ROUXINOL

Há dois mil anos, neste lugar, o fogo transformava o barro e ligava o Teio ao mundo romano.

Onde o barro se transforma em história











CONTACTOS

ECOMUSEU MUNICIPAL DO SEIXAL

Geral
SERVIÇOS CENTRAIS
NÚCLEO DA MUNDET
Praça 1.º de Maio, n.º 1
2840-485 Seixal

Telefone: 210 976 112
Email: ecomuseu@cm-seixal.pt

OLARIA ROMANA DA QUINTA DO ROUXINOL
Rua do Rouxinol,
2855-210 Corroios
Acesso condicionado, mediante participação em ações e projetos de investigação e valorização do património arqueológico ou nas iniciativas promovidas pelo Serviço Educativo do Ecomuseu Municipal do Seixal.

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E INFORMAÇÃO
Atendimento presencial
mediante marcação prévia:
Email: ecomuseu.cdi@cm-seixal.pt
HORÁRIO
De terça a sexta-feira, das 10 às 12:30 e das 14 às 17 horas.

SERVIÇO EDUCATIVO
Informações e marcações de visitas, passeios e outras atividades:
Email: ecomuseu.se@cm-seixal.pt

seixal
câmara municipal
ecomuseu

Olaria Romana da Quinta do Rouxinol

Na margem do esteiro de Corroios, onde hoje predomina a tranquilidade da paisagem, existiu um importante centro de produção cerâmica em época romana. Aqui, o barro era transformado em ânforas, loiça e materiais de construção, num processo que combinava conhecimento técnico, experiência e trabalho intensivo.

Descoberta em 1986, durante obras de saneamento, a Olaria Romana da Quinta do Rouxinol revelou um conjunto significativo de estruturas associadas à produção oleira. As escavações arqueológicas realizadas entre 1986 e 1991 permitiram identificar fornos, áreas de trabalho e depósitos de rejeitados, testemunhos diretos de uma atividade que se desenvolveu entre os séculos II e V d.C., podendo remontar a períodos anteriores.

Classificado como Monumento Nacional em 1992, este sítio é hoje um dos mais importantes centros oleiros romanos conhecidos na Lusitânia romana.











Um Território de Produção e Comércio

Durante a época romana, o estuário do Tejo assumia-se como um eixo fundamental de circulação de pessoas e mercadorias. Funcionando como um verdadeiro «mar interior», permitia o transporte rápido e eficiente de produtos ao longo do território.

A abundância de argila, a disponibilidade de combustível e a proximidade de importantes centros de consumo, como a cidade de Olisipo e as unidades de preparados de peixe, favoreceram a instalação de numerosas olarias nas margens do Tejo.

Neste contexto, a olaria da Quinta do Rouxinol integrou uma rede de produção que abastecia mercados locais e regionais, desempenhando um papel relevante na economia da Lusitânia.



Do Barro ao Objeto

A produção cerâmica seguia uma cadeia operatória rigorosa:

1. Preparação da matéria-prima
A argila era extraída, limpa de impurezas e preparada com água até atingir a consistência adequada.

2. Modelação
As peças eram moldadas na roda, em moldes ou manualmente, dando origem a ânforas, lucernas, loiça doméstica e materiais de construção.

3. Secagem
Antes da cozedura, as peças secavam lentamente, evitando deformações ou fissuras.

4. Cozedura
Nos fornos, atingiam-se temperaturas entre 800°C e 900°C. Sem instrumentos de medição, os oleiros controlavam o processo pela cor incandescente da cerâmica.
Após um arrefecimento gradual, que podia durar vários dias, as peças estavam prontas para utilização ou transporte.

Oleiro a trabalhar na roda



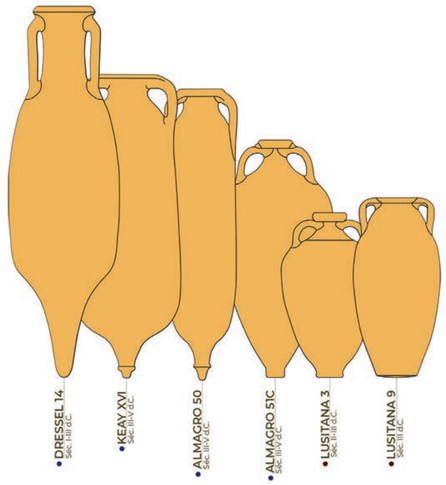
Produzir para o Império

A olaria produzia uma grande diversidade de materiais, destacando-se as ânforas, recipientes essenciais para o transporte de produtos como vinho e preparados de peixe.

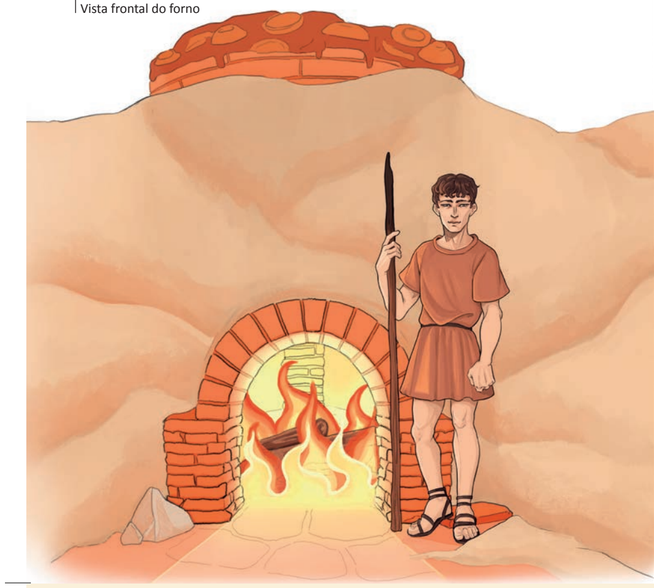
Estas peças circulavam por via fluvial e marítima, integrando redes comerciais que ligavam a Lusitânia a diferentes regiões do Império Romano.

Atualmente, através de análises químicas, é possível identificar a origem das cerâmicas e reconstruir essas redes de distribuição, aprofundando o conhecimento sobre a economia romana.





Vista frontal do forno

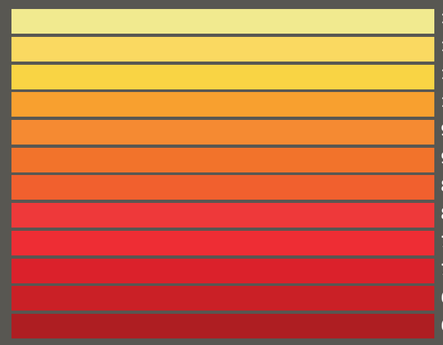




Corte do forno de lenha

Sabia que…
- A cozedura de uma fornada podia durar mais de 12 horas.
- O controlo da temperatura era feito pela cor do calor no interior do forno.
- Algumas estruturas do forno podiam ser desmontadas e reconstruídas a cada utilização.

Temperatura:





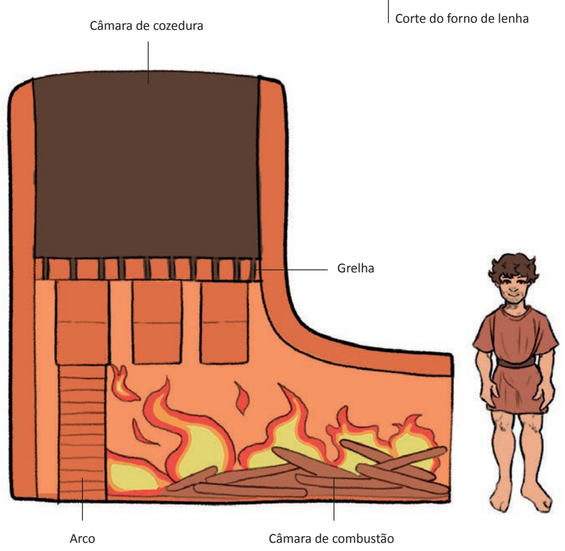
Tecnologia e Domínio do Fogo

Foram identificados quatro fornos na olaria, estruturas construídas em alvenaria de tijolo e parcialmente escavadas na encosta.

Compostos por uma câmara inferior (onde ardia o fogo) e uma câmara superior (onde as peças eram cozidas), estes fornos garantiam uma distribuição eficiente do calor.

A alimentação era feita através de uma fossa exterior, onde os oleiros mantinham o fogo ativo durante horas, num processo exigente e contínuo.







Um Património a Descobrir

A Olaria Romana da Quinta do Rouxinol constitui um testemunho único da atividade produtiva em época romana no estuário do Tejo.

Integrado no Ecomuseu Municipal do Seixal, este núcleo permite compreender o trabalho dos oleiros, as técnicas utilizadas e a importância da cerâmica no quotidiano e na economia do mundo romano.

Hoje, ao observar estas estruturas, é possível imaginar o ritmo do trabalho, o calor dos fornos e o movimento constante de uma oficina que ligava este território a um império.

